

## **ANTROPOLOGIA DO CONHECIMENTO:**

### **Explorações acadêmicas e etnográficas no campo da intercientificidade**

Embora o conceito de “conhecimento” permeia todas as ciências sociais, existem diversas e, às vezes, divergentes acepções e usos analíticos dele. Na tentativa de construir perspectivas antropológicas sobre o conhecimento, múltiplas ferramentas teóricas e marcos disciplinares serão utilizados para dar conta dos distintos usos, impactos e poderes que o conhecimento mantém nas sociedades contemporâneas.

A “ciência moderna” – termo que contempla o conjunto das ciências tanto naturais quanto sociais – será um dos focos principais de análise, devido a sua situação de dominância econômica e simbólica no mundo contemporâneo, mas será analisada antropológicamente enquanto resultado de processos sócio-culturais específicos imbuídos de relações assimétricas de poder. Isto, por sua vez, abrirá espaço para a análise de outros sistemas de conhecimento – os “ethnoconhecimentos” – junto com suas propostas heurísticas e fundamentos epistemológicos. A intercientificidade – conceito mestre da disciplina – propõe analisar os complexos relacionamentos entre os ethnoconhecimentos e a ciência moderna. Discutirá etnografias da intercientificidade que levantam questionamentos sobre a universalidade da ciência moderna e indagam sobre a produção de contra-conhecimentos num mundo globalizado.

A disciplina está dividida em cinco blocos temáticos: (1) abordagens clássicas sobre o conhecimento da sociologia, das ciências cognitivas e informáticas e da economia; (2) distintas formas de entender a história da ciência moderna; (3) os desafios atuais que as ciências sociais enfrentam; (4) perspectivas antropológicas sobre os ethnoconhecimentos; e (5) a intercientificidade.

Cada aluno apresentará vários seminários em sala de aula, envolvendo apresentações orais e escritas (40% da menção final), e uma monografia final que discute alguns dos temas principais da disciplina (60% da menção final).

## ANTROPOLOGIA DO CONHECIMENTO

### Leituras obrigatórias

08/agosto	Apresentação geral do curso
<b>I. ABORDAGENS SOBRE O CONHECIMENTO</b>	
<b>a.</b>	<b>Abordagens Sociológicas</b>
15/agosto	MANNHEIM, Karl. 1986 [1931]. “A sociologia do conhecimento”. <i>Ideologia e utopia</i> , S. M. Santeiro, trad., págs. 286-330. Rio de Janeiro: Guanabara.
	BERGER, Peter e Thomas LUCKMANN. 1974 [1966]. “Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana”; “A sociedade como realidade subjetiva (primeira parte)”; “A sociologia do conhecimento e a teoria sociológica”. <i>A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento</i> , F. S. Fernandes, trad., págs. 35-68; 173-215; 242-247. Petrópolis: Vozes.
<b>b.</b>	<b>Abordagens Cognitivas</b>
22/agosto	VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan e Eleanor ROSCH. 1991. “Symbols: the cognitivist hypothesis”; “Emergent properties and connectionism”; “Evolutionary path making and natural drift”. <i>The embodied mind: cognitive science and human experience</i> , págs. 37-57; 85-103; 185-214. Cambridge, MA: MIT Press.
	CAMPBELL, Jeremy. 1982. “The second law and the yellow peril”; “The struggle against randomness”; “Something rather subtle”; “The clear and noisy messages of language”; “The second-theorem society” “Afterword: Aristotle and DNA”. <i>Grammatical man: information, entropy, language and life</i> , págs. 15-31; 75-80; 112-124; 159-169; 254-273. Nova York: Touchstone.
<b>c.</b>	<b>Economia Simbólica versus a Economia dos Símbolos</b>
29/agosto	BOURDIEU, Pierre. 1999 [1970]. “O mercado de bens simbólicos”. <i>A economia das trocas simbólicas</i> , S. Miceli, trad., págs. 99-181. São Paulo: Perspectiva.
	LAZZARATO, Maurizio. 2003. “Trabalho e capital na produção dos conhecimentos: uma leitura através da obra de Gabriel Tarde”. In: <i>Capitalismo cognitivo: trabalho, redes e inovação</i> , eds. A. P. Galvão; G. Silva e G. Cocco, págs. 61-82. Rio de Janeiro: DP&A Editoras.
	SCHILLER, Dan. 1997. “The information commodity: a preliminary view”. In: <i>Cutting edge: technology, information capitalism and social revolution</i> , eds. J. Davis; T. A. Hirschl e M. Stack, págs. 87-102. Londres: Verso.

<b>II. HISTÓRIAS DA CIÊNCIA MODERNA</b>	
<b>a.</b>	<b>Universalismo versus Particularismo</b>
05/setembro	<p>BRONOWKI, Jacob. 1979 [1973]. “A música das esferas” e “A longa infância”. <i>A escalada do homen</i>, N. Negrão, trad., págs. 155-187; 411-439. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.</p> <p>KUMAR, Alok e Ronald A. BROWN. 1999. “Teaching science fro a world-cultural view point”. <i>Science as culture</i> 8(3): 357-370.</p> <p>SOARES, Luis Carlos. 2001. “O nascimento da Ciência Moderna: os diversos caminhos da Revolução Científica nos séculos XVI e XVII”. In: <i>Da revolução científica à big (business) science: cinco ensaios de história da ciência e tecnologia</i>, L. C. Soares, org., págs. 17-66. São Paulo: Hucitec.</p>
<b>b.</b>	<b>A Ciência como Discurso Hegemônico</b>
12/setembro	<p>FOUCAULT, Michel. 1972 [1969]. “Science and knowledge” e “Conclusion”. <i>The archaeology of knowledge</i>, A. M. S. Smith, trad., págs. 178-211. Nova York: Pantheon.</p> <p>JAPIASSÚ, Hilton. 2001. “O projeto masculino-machista da Ciência Moderna”. In: <i>Da revolução científica à big (business) science: cinco ensaios de história da ciência e tecnologia</i>, L. C. Soares, org., págs. 67-104. São Paulo: Hucitec.</p>
<b>c.</b>	<b>Estudos da Ciência Contemporânea</b>
19/setembro	<p>OLIVA, Alberto. 1994. “Kuhn: o normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica”. In: <i>Filosofia, história e sociologia das ciências: abordagens contemporâneas</i>, V. Portocarrero, org., págs. 67-102. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.</p> <p>REGNER, Anna. 1994. “Feyerabend/Lakatos: ‘Adeus à razão ou construção de uma nova racionalidade’”. In: <i>Ibid.</i>, págs.103- 132.</p> <p>PALÁCIOS, Manuel. 1994. “O programa forte da sociologia do conhecimento e o princípio da causalidade”. In: <i>Ibid.</i>, págs. 175-198.</p> <p>HOCHMAN, Gilberto. 1994. “A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina.” In: <i>Ibid.</i>, págs. 199-232.</p>
<b>III. OS DESAFIOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS</b>	
<b>a.</b>	<b>A Questão das Disciplinas</b>
26/setembro	<p>ABBOTT, Andrew. 2001. “The chaos of disciplines” e “The fraction of construction”. <i>Chaos of disciplinas</i>, págs. 3-33; 60-90. Chicago: University of Chicago.</p> <p>GULBENKIAN COMMISSION. 1996. “Debates within the social sciences, 1945 to present” e “What kind of social science shall we now build?”. <i>Open the social sciences: report of the Gulbenkian Commission on the restructuring of the social sciences</i>, págs. 33-93. Stanford: Stanford University Press.</p>

<b>b.</b>	<b>Perspectivas da América Latina</b>	
03/outubro	<p>REIS, Elisa Pereira; REIS, Fábio Wanderley e Gilberto VELHO. 1997. “As ciências sociais nos últimos 20 anos: três perspectivas”. <i>Revista Brasileira das Ciências Sociais</i> 12(35): 7-28.</p> <p>VELHO, Otávio. 1991. “Relativizando o relativismo”. <i>Novos Estudos CEBRAP</i> 29: 120-130.</p> <p>SANTOS, Laymert Garcia dos. 1994. “A encrucilhada da política ambiental brasileira”. In <i>A Amazônia e a crise da modernização</i>. M.A. D’Incao e I.M. da Silveira, orgs., págs. 135-154. Belém: MPEG.</p> <p>ESCOBAR, Arturo. 2003. “Actores, redes e novos produtores de conhecimento: os movimentos sociais e a transição paradigmática nas ciências”. In <i>Conhecimento prudente para uma vida decente</i>, B. de Souza Santos, org., págs. 639-666. São Paulo: Cortez Editora.</p>	
<b>c.</b>	<b>O que é a Ecologia Política?</b>	
10/outubro	<p>LEFF, Enrique. 2003. “La ecología política en América Latina: un campo en construcción”. <i>Sociedade e Estado</i> 18(1/2): 17-40.</p> <p>ESCOBAR, Arturo. 1996. “Constructing nature: Elements for a poststructural political ecology. <i>Liberation ecologies: environment, development, social movements</i>, eds. R. Peet e M. Watts, págs: 46-68. Londres e Nova York: Routledge.</p> <p>LATOUR, Bruno. 2004 [1999]. “Por que a ecologia política não saberia conservar a natureza?” <i>Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia</i>, C. A. M. Souza, trad., págs. 25-105. São Paulo: Edusc.</p>	
<b>IV. A ANTROPOLOGIA FRENTE ÀS ETNOCONHECIMENTOS</b>		
<b>a.</b>	<b>O Conhecimento Local e sua Transmissão</b>	
17/outubro	<p>GEERTZ, Clifford. 1998 [1980]. “O saber local”. <i>O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa</i>. Petrópolis: Editora Vozes.</p> <p>BARTH, Fredrik. 2000. “O guru e o iniciador: transações de conhecimento e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na Melanésia”. <i>O guru, o iniciador e outras variações antropológicas</i>, J. C. Comerford, trad., págs. 141-165. Rio de Janeiro: Contra Capa.</p> <p>BARTH, Fredrik. 1993. “A general framework for analyzing the meaning of acts”. <i>Balinese worlds</i>, págs. 157-174. Chicago: University of Chicago Press.</p>	
<b>b.</b>	<b>Etnociência/Etnometodologia</b>	
24/outubro	<p>LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970 [1962]. “A ciência do concreto”. <i>O pensamento selvagem</i>, M. C. Cosat e Souza e A. O. Aguiar, trads., págs. 19-55. São Paulo: Companhia Editora Nacional.</p> <p>TOLEDO, Victor M. 1992. What is Ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. <i>Ethnoecológica</i> 1(1): 5-21.</p>	

	<p>COULON, Alain. 1995 [1987]. “A questão de método”, <i>Etnometodologia</i>, págs. 79-93. Petrópolis: Vozes.</p> <p>WATSON, Graham. 1991. “Rewriting culture”. In: <i>Recapturing anthropology: writing in the present</i>, R. Fox, ed., págs. 73-92. Sante Fe: School of American Research Press.</p>
<b>c.</b>	<b>Os Conhecimentos Tradicionais no Mundo Globalizado</b>
31/outubro	<p>HESS, David J. 1995. “Other ways of knowing and doing: the ethnoknowledges and now-western medicines” e “Cosmopolitan technologies, native peoples, and resistance struggles”. <i>Science and technology in a multicultural world: the cultural politics of facts and artifacts</i>, págs. 185-249. Nova York: Columbia University Press.</p> <p>BERKES, Fikret. 1999. “Challenges to Indigenous knowledge” e “Toward a unity of mind and nature”. <i>Sacred ecology: traditional ecological knowledge and resource management</i>, págs. 145-184. Philadelphia: Taylor &amp; Francis.</p>
07/novembro	Não tem aula
<b>V. A INTERCIENTIFIDADE</b>	
<b>a.</b>	<b>O Fantasma do Relativismo Epistemológico</b>
14/novembro	<p>TAMBIAH, Stanley. 1990. “Multiple orderings of reality: the debate initiated by Lévy-Bruhl”. <i>Magic, science, religion and the scope of rationality</i>, págs. 84-110. Cambridge: Cambridge University Press.</p> <p>SPIRO, Melford. 1992 [1986]. “Cultural relativism and the future of anthropology”. In: <i>Rereading Cultural Anthropology</i>, G. Marcus, ed., págs. 124-151. Durham: Duke University Press.</p> <p>BATESON, Gregory. 1972. “Style, grace and information in primitive art”. <i>Steps to an ecology of mind</i>. Nova York.</p> <p>DOVE, Michael. 1996. “Process versus product in Bornean augury: a traditional knowledge system’s solution to the problem of knowing”. In: <i>Redefining nature: ecology, culture and domestication</i>, R. Ellen e D. Fukui, eds., págs. 557-596. New York: Berg Publishers.</p>
<b>b.</b>	<b>Etnografias da Intercientificidade</b>
21/novembro	<p>LITTLE, Paul E. 2005. “Indigenous peoples and sustainable development subprojects in Brazilian Amazonia: The challenges of interculturality”. <i>Law and Policy</i> 27(3): 450-471.</p> <p>MENESES, Maria Paula. 2004. “Agentes do conhecimento? A consultoria e a produção do conhecimento em Moçambique”. In: <i>Conhecimento prudente para uma vida decente</i>, B. de Souza Santos, org., págs. 721-755. São Paulo: Cortez Editora</p>

ARCE, Alberto e Norman LONG. 1993. "Bridging two worlds: an ethnography of bureaucrat-peasant relations in western Mexico". In: *An Anthropological Critique of Development: the Growth of Ignorance*, M. Hobart, ed., págs. 179-208. Londres: Routledge.

VAN DER PLOEG, Jan Douwe. 1993. "Potatoes and Knowledge", In: *Ibid.*, págs. 209-227. Londres: Routledge.